



*Elvas, 19 de Janeiro de 1729.*

Amanheceu o dia de hoje formosíssimo, sem núvens e quási sem frio, como convinha à função tão gloriosa que ia realizar-se. Desde muito cedo, a animação por tôda a cidade era enorme.

Eu não queria perder fôsse o que fôsse.

De manhã, foi o Senhor Patriarca, numa rica estufa, puxada por seis frisões, despedir-se da Senhora Princesa das Astúrias. Consta-me que S. Rev.<sup>ma</sup> fez uma comovente prédica a Sua Alteza, depois do que lhe deu a bênção. Não quis o mesmo prelado retirar-se sem acompanhar Suas Majestades e Altezas até os côches, isto a-pesar-de El-Rei insistir em que se recolhesse ao Colégio da Companhia, onde está hospedado.

As 10 horas, começou a marcha do cortejo real para o Caia.

Ia à frente o Ex.<sup>mo</sup> Duque de Lafões, no seu côche, por não ter lugar destinado no acompanhamento. Seguiam-se mais de 40 côches e berlindas de titulares, tirados a 6 cavalos e todos acompanhados de grande número de criados com ricas librés. Depois, uma partida de 15 cavalos, 24 trombeteiros e atabaleiros de El-Rei, vestidos de veludo vermelho e galões de oiro, com trombetas de prata; os cavalos de mão do Ex.<sup>mo</sup> Duque estribeiro-mor, dos Senhores Infantes, do Ser.<sup>mo</sup> Príncipe do Brasil e de El-Rei, com jaezes bordados a prata e guarnições de oiro; mais cavalaria, os postilhões do Gabinete, sotas cavaliços, os côches dos moços de guarda-roupa, as berlindas do confessor e do médico da Rainha Nossa Senhora, do seu mordomo-mor e do porteiro da Câmara, dos padres que acompanharam El-Rei, dos camaristas e dos viadores dos Infantes, da Princesa das Astúrias e de Suas Majestades, dos estribeiros-mores, dos moços fidalgos, dos oficiais da Casa Real, dos gentis-homens, etc.

Vinham em seguida os côches de respeito de toda a real família, e, finalmente, um com o Senhor Infante D. António, outro com o Senhor Infante D. Francisco, outro com Sua Majestade a Rainha e a Senhora Princesa D. Maria Bárbara, e outro, riquíssimo, em que iam El-Rei, o Príncipe do Brasil e o Senhor Infante D. Pedro, puxado por 8 frisões e seguido de 43 moços de Câmara, em seges, e 25 da estribeira, a cavalo. Fechavam o cortejo 8 seges das pessoas reais, 7 berlindas com as camareiras-mores,

as senhoras de honor, as damas e as açafatas, mais 130 seges com a «família da Casa» e um corpo de 500 cavalos divididos em quatro esquadrões.

Por esta enumeração se poderá fazer idéia do espectáculo grandioso que foi o desfile dêste cortejo.

Ainda há pouco me dizia o Ex.<sup>mo</sup> Marquês de Abrantes:

— «A jornada da côrte espanhola mobilizou 16.000 pessoas. De Lisboa não terá vindo tanta gente; mas o luxo e a riqueza da côrte de El-Rei Nosso Senhor excedem em muito os daquela.»

E o Rev.<sup>o</sup> Abade de Montgón, que tem viajado tanto pelas várias côrtes da Europa, disse-me esta noite, quando lhe fui apresentado:

— «A pompa com que El-Rei D. João de Portugal veio ao encontro das Majestades Católicas ultrapassa tudo o que se possa dizer a tal respeito!»



As margens do Caia eram um mar imenso de gente que acorreu de ambas as Nações a presenciar aquêlê deslumbramento. Ficar-lhe-á na memória, para tôda a vida, o espectáculo a que acaba de assistir.

Tropa portuguesa e espanhola formava a um e outro lado do pavilhão e, com suas armas e fardas reluzentes, concorria para aumentar o brilho e a majestade daquela festa.

Antes que as pessoas reais entrassem no palácio de madeira, quem estas linhas escreve, assim como o debuxador que ilustra esta crónica — graças à protecção de pessoa amiga, altamente colocada no Paço

— puderam introduzir-se na sala onde ia realizar-se a conferência, e, escondidos atrás dos pesados repositores, presenciar, sem serem vistos, tudo quanto ali se passou. Eis porque nos é possível reconstituir pormenorizada e fielmente, quer pela pena, quer pelo desenho, o que foi essa magnífica cerimónia.

Abriram-se as portas de ambos os lados e entraram ao mesmo tempo os Reis e Príncipes das duas Nações. Foi um momento soleníssimo em que me senti comovido, pois não creio que a História registre concurso tão numeroso de pessoas reais como êste.

O meu primeiro cuidado foi examinar a família de Espanha.

O Rei Felipe V traz um aspecto melancólico, acabrunhado, aparentando mais idade do que tem, mas sorri, afável, para o Soberano português e examina-o atentamente. A Rainha Isabel, pelo contrário, com um ar altivo e majestoso, mostra uma desenvoltura e um contentamento que dominam tôda a cena. Está ainda formosa, bem conservada, mal se percebendo as marcas das bexigas, e veste com muita elegância, apesar de demasiadamente nutrida. O seu olhar vai incessantemente da Princesinha sua filha para a Princesa das Astúrias.

Que dizer da Ser.<sup>ma</sup> Princesa do Brasil senão que ela excede em graça e beleza tudo quanto podíamos imaginar? El-Rei Nosso Senhor não tira os olhos dela e lê-se-lhe no semblante a ternura que desde êste momento fica tendo pela nora. A Senhora D. Mariana Vitória não sabe se há-de sorrir se há-de chorar e mira o noivo, que lhe fica em frente, com um misto de curiosidade e de admiração. Embora tenha onze anos,

é pequenina de tamanho, seus olhos todavia revelam a ponderação e perspicácia de quem tem mais idade.

Sua Alteza o Príncipe das Astúrias é triste como seu pai, e alia a um garbo próprio da sua estirpe o aspecto franzino de quem não tem muita saúde. Mas é simpático e atraente a mais não poder ser. Os Infantes D. Carlos e D. Felipe — treze e oito anos — são duas lindas crianças, divertidas, encantadas com todo aquêlê ceremonial.

\*

Depois do primeiro momento de hesitação, todos se cumprimentam e abraçam com o maior carinho e um *à-vontade* pouco em harmonia com as severidades da etiqueta. Conversam durante meia hora ou três quartos de hora. El-Rei D. João está enlevado na Princesinha do Brasil, que não cessa de beijar e de louvar.

Segue-se a leitura das capitulações, feita pelos Secretários de Estado, na presença dos dois estribeiros-mores, Duque de Ossuna e Duque de Cadaval, depois do que são assinadas por tôdas as pessoas reais.

Finda a cerimónia, dignaram-se Suas Majestades receber as pessoas da Nobreza de uma e outra Côrte. O Marquês de Abrantes fazia a apresentação aos Soberanos católicos, enquanto que o Marquês de Capelatro aos Soberanos de Portugal. Impossível enumerar as ilustres personagens que tiveram a honra de desfilar perante as reais pessoas. Ia caindo a tarde; acenderam-se os lustres.

Após o desfêile, voltaram aquêles Senhores a conversar, com tôda a familiaridade. El-Rei de Espanha entreteve-se largo tempo com o Senhor Infante

D. Francisco; ao mesmo tempo que as duas Rainhas trocavam expressões de amizade. Os noivos olhavam-se sem ousar dizer palavra; todavia não estavam embaraçados.

Tomaram-se refrescos; tocaram os músicos da Câmara. Mas era noite. Os dois monarcas levantaram-se, pegaram em suas filhas pela mão e entregaram-nas reciprocamente. Neste preciso momento, a infantaria deu as salvas de mosquetes do estilo, às quais respondeu a artilharia das praças de Elvas e de Badajoz.

A Senhora Princesa do Brasil não pôde reter as lágrimas e voltava continuamente para junto de seus pais, a quem beijava as mãos com muita ternura. A nossa Princesa das Astúrias estava muito pálida e, embora não chorasse, parecia prestes a desfalecer. Então a Rainha católica, receando que aquêlê acto de separação se tornasse trágico, safu precipitadamente da sala, levando pela mão a Senhora D. Maria Bárbara. Os nossos Soberanos, com os olhos rasos de água, pegaram, por sua vez, na Princesinha do Brasil e encaminharam-se para o seu côche.

Saí atrás da família real e, sem que os guardas me retivessem, consegui aproximar-me da portinhola da carruagem para a qual Suas Majestades e os Príncipes acabavam de entrar. Pude assim dirigir-me à Senhora Princesa do Brasil e pedir-lhe, em francês, a graça de me confiar as suas primeiras impressões, depois que pisava terra portuguesa, para as transmitir ao meu jornal.

Sua Alteza, já com o rosto mais desanuviado e depois de olhar para seus sogros, que lhe sorriam, pronunciou estas palavras textuais:

— *«Vous pouvez dire que je me sens fort contente, car le Roi et la Reine m'aiment beaucoup et mon Prince aussi. Je suis très heureuse d'être venue en Portugal.»*

O cortejo punha-se de novo em marcha. Consegui passar, na minha sege, à frente dêle e regressar depressa a Elvas para redigir esta crónica e a despachar pelo expresso, que espero chegue a Lisboa primeiro que os portadores das notícias para as outras gazetas.

Amanhã e depois darei conta do mais que por aqui fôr sucedendo.